

CÍRCULO DE CULTURA E EDUCAÇÃO FÍSICA: A TEMATIZAÇÃO DO FUNK NA ESCOLA

CIRCLE OF CULTURE AND PHYSICAL EDUCATION: THE FUNK STUDY IN SCHOOL
CÍRCULO DE CULTURA Y EDUCACIÓN FÍSICA: LA TEMATIZACIÓN DEL FUNK EN LA ESCUELA

Claudio Aparecido de Sousa

claudio.joga8@gmail.com

Universidade Nove de Julho

Daniel Teixeira Maldonado

danielmaldonado@yahoo.com.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - São Paulo

Marcos Garcia Neira

mgneira@usp.br

Universidade de São Paulo

RESUMO

A experiência descrita neste artigo foi desenvolvida no 3º trimestre de 2016 em uma escola municipal de Educação Infantil e Fundamental localizada na região periférica de Santo André (SP), junto às turmas do 5º ano do Ensino Fundamental. Trata-se de uma experiência pedagógica que tematizou o funk. Sobre os resultados, as crianças fizeram bom uso da ferramenta de internet pesquisando sobre o funk, compreenderam que meninos e meninas podem vivenciar juntos os gestos dessa prática corporal e os alunos evangélicos entenderam que na escola é possível participar de todas as danças sem atrapalhar as diretrizes da sua religião.

Palavras-Chave: Educação Física; Círculo de Cultura; Funk;

ABSTRACT

The experience described in this article was developed in the 3rd quarter of 2016 in a municipal school of Infant and Elementary Education located in the peripheral region of Santo André (SP), next to the classes of the 5th year of Elementary School. It is a pedagogical experience that study the funk. About the results, the children made good use of the internet tool researching funk, understood that boys and girls can experience the gestures of this body together and the evangelical students understood that in school it is possible to participate in all the dances without disrupting the guidelines of their religion.

Keywords: Physical Education; Circle of Culture; Funk.

RESUMEN

La experiencia descrita en este artículo fue desarrollada en el 3º trimestre de 2016 en una escuela municipal de Educación Infantil y Fundamental ubicada en la región periférica de Santo André (SP), junto a las clases del 5º año de la Enseñanza Fundamental. Se trata de una experiencia pedagógica que tematizó el funk. En los resultados, los niños hicieron buen uso de la herramienta de internet investigando sobre el funk, comprendieron que niños y niñas pueden vivir juntos los gestos de esa práctica corporal y los alumnos evangélicos entendieron que en la escuela es posible participar de todas las danzas sin entorpecer las directrices De su religión Palabras Clave: Educación Física; Círculo de Cultura; Funk.

Introdução

A problemática

A Educação Física (EF) é entendida como um componente curricular que elege como temas as manifestações da cultura corporal (brincadeiras, jogos, ginásticas, lutas, esportes e as danças). A partir desta definição, consideramos de extrema importância abordar as atividades curriculares de acordo com a realidade social em que os alunos estão inseridos. A experiência problematizada neste artigo foi desenvolvida no 3º trimestre de 2016, em uma Escola municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEF). A instituição está localizada no bairro Jardim do Estádio, região pouco desenvolvida do município de Santo André (SP).

Trata-se de uma etnografia que, para Geertz (1989), é uma descrição densa de uma determinada prática social, dialogando com a concepção de existência humana. Para André (1995), etnografia é um método muito utilizado pelos antropólogos, porém o que utilizamos na educação é uma adaptação, realizando estudos do tipo etnográfico. Para compor a análise dos dados utilizamos como critérios, o diálogo realizado nos Círculos de Cultura, a análise do plano de ensino, a observação das aulas e a filmagem do projeto de dança.

A ideia deste trabalho surgiu a partir da realização de um Círculo de Cultura com os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. Neste dia, os alunos chegaram à quadra cantando músicas de funk, e me indagaram dizendo se eu poderia ministrar aula de dança. A partir disso, perguntei qual tipo de dança eles gostariam de estudar e aprender. As respostas foram unânimes: disseram querer aprender sobre o funk.

Atualmente, esse ritmo musical vem sendo considerado como um território contestado no campo da música, e na sociedade de um modo geral, e seria diferente nas aulas de EF? Chegamos a conclusão que um dos motivos encontrados de toda essa contestação de uma parcela dessa sociedade com esse ritmo musical, a partir de pesquisas feitas na internet, onde utilizamos o laboratório de informática da escola, e na opinião dos alunos, é que alguns cantores, mais conhecidos como “MCs”, estão fazendo apologia às “drogas”, “sexo”, “crime” e “ostentação” em suas respectivas músicas.

Em pesquisa audaciosa que tratou sobre o funk “ostentação”, especificamente na cidade de São Paulo, Pereira (2013) realizou etnografia em espaços de casas noturnas do município, para identificar

o comportamento e as formas de produção cultural dos grupos frequentadores. Para o autor, “em São Paulo, apenas ocultou-se a criminalidade e exaltou-se muito mais o consumo e as grifes, fato, aliás, também feito nos dias atuais, em grande medida, pelos funqueiros cariocas e de outras localidades do país” (p. 10).

Observamos que esse fato atribui ao funk ostentação uma forma de expressar o desejo pelo consumo, através das roupas de grife, tênis de marcas como Nike, Mizuno e Adidas, diversos modelos de moto como Hornet e Kawasaki, além de carros de luxo como Ferrari, Camaro e Lamborguini. Esses itens são citados nas letras das músicas cantadas por alguns MCs. Essa lógica do consumo tem atraído muitos jovens pela busca ao sucesso e conquista dos bens mercadológicos para satisfazer suas necessidades, como por exemplo, ir às festas e fluxos portando kits e carros cobiçados. Em nosso entendimento, esse movimento pode contribuir para um modelo de capitalismo parasitário.

E conforme nos alerta Bauman (2010, p. 29).

Para manter vivo o capitalismo, não era mais necessário “remercadorizar” o capital e o trabalho, viabilizando assim a transação de compra e venda deste último: bastavam subvenções estatais para permitir que o capital vendesse mercadorias e os consumidores as comprassem.

Em outra importante pesquisa sobre o funk, Bochinni e Maldonado (2014) realizaram projeto sobre essa temática em uma escola do município de São Paulo. Tematizando o funk na escola, os autores tiveram a intenção de desmistificar os preconceitos que esse ritmo musical perpassa. A consequência disso foi o sucesso alcançado na escola e o envolvimento dos alunos que se surpreenderam ao realizar pesquisa conceitual e descobrir que o funk surgiu em igrejas evangélicas estadunidenses.

No nosso caso, ao idealizar este projeto no município de Santo André, tivemos a “ousadia” em romper com o tradicionalismo da área de EF escolar, que constantemente atribui seu significado apenas ao esporte. De acordo com Neira (2011, p. 24), “diversos trabalhos empíricos denunciam o padecimento da ousadia diante da colonização ainda presente nos currículos da área”.

Em nosso entendimento, a EF precisa adotar princípios reflexivos e formativos para que os professores possam superar a visão de colonização defendida pelos setores tradicionais e conservadores utilizados nas aulas pela “descolonização das mentes”, contribuindo sobremaneira para uma educação emancipadora e revolucionária para efetivarmos a liberdade dos oprimidos no interior da escola.

Concordamos com Romão e Gadotti (2012, p. 9) quando nos orientam que:

A revolução é permanente, porque a libertação definitiva não vem com a proclamação da independência política de uma nação, tampouco com sua libertação econômica; ela só se plenifica quando o povo dessa nação pós-colonial se liberta das racionalidades que os colonizadores deixaram profundamente enraizadas no solo da consciência dos “ex-colonizados”.

Falar de colonização no Brasil que, por muitos anos, foi colônia de Portugal, parece algo simples, no entanto, há muito se observa que as práticas escolares e, especificamente, na EF, vigora o trabalho com as práticas corporais dos grupos dominantes e, mesmo as tentativas de romper com tal hegemonia, ocorrem a partir de concepções que distorcem os significados que os grupos minoritários atribuem ao próprio repertório (NEIRA, 2016). É o que acontece quando os professores buscam justificar o trabalho com a capoeira aludindo aos seus benefícios para o desenvolvimento motor ou a abordagem das danças regionais com base na sua contribuição para as funções psicomotoras. Outro dado que ilustra essa posição é a rejeição que algumas temáticas têm sofrido na escola, fruto de preconceitos com relação aos grupos que as produzem, como o próprio funk. Mesmo apreciado por crianças, jovens e adultos, quando alguém canta os versos de uma música no ambiente escolar pode sofrer consequências disciplinares.

Como forma de combater a colonização das mentes de alguns educadores, nossa proposta será a apresentar o Círculo de Cultura, utilizando a temática dança para descolonizar o currículo da EF, outrora dominado por práticas esportivas euro-estadunidenses, como o vôlei, futebol, handebol e basquetebol (NEIRA; NUNES, 2006).

A seu tempo, Bourdieu e Passeron (1975) denunciaram a presença de elementos mercadológicos e reprodutores no sistema de ensino francês, o que torna a escola um ambiente de reprodução das desigualdades sociais. Voltando à realidade brasileira do século XXI, quando tentamos tematizar as práticas corporais como o funk, percebemos que o ritmo musical não é aceito por uma parcela da comunidade escolar, com isso, identificamos a carência de entendimento das questões sociais e educacionais por parte de alguns educadores e da escola de um modo geral.

Nesse sentido, desenvolver o currículo a partir das experiências dos alunos nos parece um caminho possível para proporcionarmos aos educandos a possibilidade de fazer a leitura de mundo e promover a emancipação. Desta maneira, Bourdieu e Passeron (1975, p. 111) ressaltam que [...] “A análise das transformações do sistema escolar se opera segundo uma lógica na qual se exprime ainda a estrutura e a função próprias desse sistema”. E ainda os autores ressaltam relevantemente que,

Só a construção do sistema das relações entre o sistema de ensino e a estrutura das relações entre as classes sociais permite que se escape realmente a essas abstrações reificantes e se produza conceitos relacionais que, como os de oportunidade escolar, de disposição relativa à Escola, de distância à cultura escolar ou de grau de seleção, se integram na unidade de uma teoria explicativa das produções ligadas à dependência de classe (como o ethos ou o capital cultural) (BOURDIEU; PASSERON, 1975, p. 114).

Sendo assim, refletimos sobre os possíveis questionamentos que poderiam ser feitos por parte de alguns professores, e até mesmo da equipe gestora e pais, por se tratar de um tema polêmico na sociedade.

A equipe gestora, quando soube da iniciativa de tematizar o funk na escola nos apoiou e entendeu o objetivo do projeto e seus benefícios para o entendimento das crianças sobre as danças e as músicas. O objetivo do trabalho foi apresentar os aspectos conceituais do ritmo musical funk e ainda construir coreografias de dança a partir de músicas que os alunos conheciam, com o intuito de estudar e vivenciar o ritmo musical escolhido pelos próprios estudantes.

Desde o início do projeto tínhamos a consciência que tratar desta temática não seria tarefa simples, pois, era necessário ter embasamento teórico aprofundado para argumentar com a comunidade escolar e até mesmo com os críticos, caso houvesse queixas das famílias e até de professores sobre a intencionalidade de desenvolver este tema nas aulas de EF. Visto que o senso comum identifica que esta disciplina serve apenas para ministrar aulas de esportes e brincadeiras, consideramos esse entendimento ingênuo por parte da sociedade diante dos aspectos das práticas corporais.

Betti et al. (2015) realizaram pesquisa em escolas públicas e entrevistaram alguns estudantes sobre o que eles aprendem nas aulas do componente curricular EF. A resposta da maioria das crianças e adolescentes foi que aprendem futebol, basquete, handebol e vôlei, confirmando a visão tradicional esportiva, que não é problema do esporte mais de uma falta de entendimento de alguns professores sobre o verdadeiro sentido e significado da prática pedagógica ao tematizar essa manifestação da cultura corporal. Os autores ainda perguntaram aos alunos o que eles gostariam de aprender e a resposta da maioria foi que gostariam de aprender outras práticas corporais.

Analisando as respostas dos nossos alunos decidimos desenvolver um tema da EF alinhado ao projeto político pedagógico da escola de forma dialógica, democrática e, principalmente, dialogando com as crianças sobre a temática que eles indicaram para ser desenvolvida no trimestre, pelo fato da interação entre educador e educandos ter sido efetivada na elaboração do projeto. Ressaltamos que a “voz” dos

alunos foi valorizada, pois, em um modelo de ensino em que não é considerado o diálogo, o professor é o principal responsável pelo planejamento das aulas, desconsiderando sobremaneira a opinião dos alunos.

Na prática pedagógica da EF, essa abordagem nos proporciona entender o interesse dos alunos e promover as atividades que eles indicam. Isto se torna possível e concretizado durante o Círculo de Cultura que acontece nos momentos iniciais e finais da aula.

Sendo assim, optamos por utilizar alguns princípios da perspectiva cultural, enfatizados por Neira e Nunes (2006) e Neira (2011), dentre as quais, destacamos a justiça curricular e a associação com o projeto político pedagógico da escola. Esse modelo de ensino se aproxima dos objetivos propostos nesta experiência e consideramos relevante unificar esses princípios juntamente com o Círculo de Cultura. Foi o caminho possível que encontramos para orientar os alunos e alunas da escola participantes desse projeto, para alcançarmos o sucesso e o entendimento deste tema importante, que em muitos momentos é contestado por discursos disseminados na sociedade.

Território contestado: O Projeto funk na escola em Santo André

A EMEIEF Antônio Virgílio Zaniboni é uma escola que atende alunos na faixa etária de 4 a 10 anos de idade. Geograficamente, a escola está localizada no município de Santo André, no bairro Jardim do Estádio, região de classe média baixa e pouco desenvolvida em termos de infraestrutura local.

Nesta rede de ensino, a EF não possui um documento curricular que oriente a prática pedagógica do professor, as aulas têm duração de uma hora diária e acontecem duas vezes por semana, a turma participante deste projeto foi o 5º ano C de 2016, que frequentou as aulas no período vespertino.

Durante o 3º trimestre de 2016, optamos por desenvolver o tema dança nas aulas de EF. Um dos principais motivos foi o fato da maioria dos alunos do 5º ano C indicar este tema como preferência a ser desenvolvido, mesmo sabendo que naquele ano o Brasil promoveria os Jogos Olímpicos.

Outro aspecto importante foi a realização de um mapeamento feito no início do trimestre, onde nós identificamos na fala dos alunos e alunas certa proximidade e paixão da maioria das crianças com o ritmo musical funk, vivenciado nas proximidades de suas casas, ruas e principalmente nas redes sociais e vídeos disponíveis na internet.

Sendo assim, optamos por ousar na tematização desse ritmo musical, além de proporcionar a vivência, estudo e o conhecimento sobre a dança, mostrando os aspectos conceituais, resignificando e

desmistificando os preconceitos que as mídias e a sociedade apresentam em relação ao ritmo musical.

O funk foi abordado através do diálogo realizado em Círculo de Cultura e pesquisas na internet. Para o embasamento teórico, utilizamos como referencial os respectivos autores André (1995) sobre a etnografia da prática escolar, Freire (2006) no que trata do Círculo de Cultura, Mafra (2016) sobre a conectividade em Paulo Freire e Neira (2011) sobre a prática de ensino da EF.

É interessante ressaltar a nossa motivação em desenvolver o Círculo de Cultura como uma possível proposta de problematização e reflexão crítica das práticas corporais, pois, em um cenário em que se observa a presença de ideologias conservadoras e positivistas que cercam a sociedade do conhecimento, nos deparamos com o retrocesso que aflige a educação brasileira e mais ainda os alunos. Nesse contexto, os opressores desconsideram o aprendizado popular e a cultura dos menos favorecidos. Portanto, pretendemos situar os educandos em posição de terem condições de efetivar a transformação da realidade social compreendendo desta maneira a leitura de mundo. Com toda sua maestria Freire (2006, p.13) salienta,

A visão da liberdade tem nesta pedagogia uma posição de relevo. É a matriz que atribui sentido a uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos. É um dos princípios essenciais para a estruturação do círculo de cultura, unidade de ensino que substitui a escola autoritária.

Iniciamos as atividades do projeto funk na escola realizando uma pesquisa conceitual. Através de buscas na internet, os alunos tiveram como tarefa encontrar respostas a partir das respectivas perguntas: 1- Em qual País surgiu o funk? 2- Porque existe preconceito com esse ritmo musical? 3- Quem pode participar de coreografias e dançar funk, meninos ou meninas? Os alunos responderam as perguntas no momento de Círculo de Cultura que foi realizado de forma esporádica dentro da sala de aula, pois, a quadra da escola estava sendo dividida com outra turma nas aulas de Educação Física e o barulho inviabilizaria a compreensão deste diálogo.

Sobre a primeira pergunta, o aluno Max respondeu corretamente que o funk surgiu nos Estados Unidos, a aluna Mirela disse que esse ritmo musical pode ter surgido em vários locais e depois chegou ao Brasil. Mesmo tendo realizado a pesquisa no mesmo local e utilizando a mesma ferramenta, os alunos apresentaram respostas distintas.

Em seguida realizamos a intervenção e explicamos que a modalidade surgiu em igrejas evangélicas estadunidenses e atualmente houve uma modificação nas letras cantadas por vários MCs . A aluna Fran confirmou esse fato dizendo que muitas músicas fazem apologia às drogas e ao sexo.

Essa indagação da aluna mostrou a maturidade e sabedoria que tem uma criança com 10 anos de idade, nos mostrando a importância de abordar, dialogar, estudar e vivenciar atividades que fazem parte na realidade social e cultural dos alunos. Sobre a participação de meninos e meninas, a maioria dos alunos respondeu que todos dançam funk.

Em outro dia de aula realizamos o Círculo de Cultura na quadra e perguntamos quais músicas de funk os estudantes conheciam? Os alunos, em sua maioria, iniciaram a cantoria da música “Eu to brigado com a mulher então eu vou dar fuga nela, fui partiu pra onde é o Mandela” (MC KEKEL). Perguntamos se seria essa a música escolhida para iniciarmos a coreografia e algumas meninas disseram que teríamos que escolher duas músicas, uma para as meninas dançarem e outra para os meninos.

Fizemos a intervenção e propusemos que dançassem todos juntos, assim como nas aulas referentes a outros temas. Nas vivências de dança manteríamos a mesma proposta e as crianças concordaram.

Utilizamos a caixa de som da própria escola e o celular de uma aluna que tinha a música escolhida arquivada em seu aparelho para realizar os ensaios. É interessante ressaltar que nem todos os alunos puderam participar destes ensaios, por motivos de religião, muitos alunos evangélicos mostraram interesse por esse ritmo musical, porém disseram que as famílias os proibiam de ouvir funk porque não era “coisa de Deus”.

A partir do diálogo realizado em Círculo de Cultura, explicamos para as crianças que as atividades de EF não envolvem nenhuma religião. Ressaltamos que o Funk poderia ser praticado por todas as crianças, meninos e meninas, e que seriam eles os responsáveis por realizarem os gestos deste ritmo musical. Após isso a aluna Hilary levantou a mão e pediu para falar. Ela mencionou que a família a proíbe de ouvir e dançar qualquer ritmo musical, com exceção das músicas gospel.

A nossa intervenção foi pedir para a aluna observar a aula e ressaltamos que iríamos fazer reunião com as famílias para explicar sobre o projeto e efetivar a participação de todas as crianças. Na aula seguinte, conversamos com as famílias responsáveis pelas crianças do 5º ano e explicamos para eles que se tratava de um projeto de dança, que não envolveria e nem atrapalharia a religião e crença particular de cada família, e relatamos que o ritmo musical a ser trabalhado seria o funk.

Mesmo após explicar todos os critérios do desenvolvimento das aulas, cinco pessoas responsáveis por crianças desta turma pediram para deixar os filhos apenas observando a aula, por conta da sua religião. Por entendermos que a escola é laica, ou seja, uma instituição social onde veiculam diversos

costumes e crenças, optamos por respeitar essas famílias deixando os alunos apenas observando, porém consideramos que os responsáveis compreenderam o intuito do projeto. No entanto, existe uma força maior neste tipo de crença que acabam fazendo com que algumas famílias deixem de participar de alguns eventos promovidos pela escola.

Prosseguindo com o desenvolvimento do projeto, iniciamos os primeiros ensaios com os passos da respectiva música “Mandela”, os alunos se reuniram e organizaram os passos sem a intervenção do professor, já que conheciam os gestos realizados nessa dança e queriam mostrar.

Os ensaios tiveram a participação de meninos e meninas e pudemos perceber que as crianças mais familiarizadas com a dança ajudavam aquelas que tinham pouca experiência em dançar. Esse fato demonstrou a consciência dos alunos em querer ajudar o amigo. Ressaltamos que durante a realização do Círculo de Cultura, que aconteceu no término do ensaio, refletimos sobre a importância da convivência e do diálogo entre os pares na escola e na sociedade. Foram realizadas oito vivências, ressignificando os gestos que os estudantes realizavam em cada aula.

Cada batida musical do funk estremecia o chão da escola e seu entorno. Todas as pessoas que passavam próximas ao muro da instituição paravam para observar o que estava acontecendo na quadra. Nos dias de aula em que não introduzimos música nesse espaço, as pessoas dificilmente paravam para ver o que estava acontecendo. Essa observação nos mostra o interesse da comunidade por esse tipo de música, o que de certa forma favoreceu o desenvolvimento desse projeto com a comunidade do bairro em que a escola está localizada.

Diante de todo esse trabalho, combinamos um dia de apresentação da coreografia para mostrarmos para a comunidade escolar. Não foi possível realizar a apresentação para todas as turmas, porém mostramos a dança para os estudantes do 4º ano D, que questionaram porque não fizeram parte do grupo que dançou. Respondemos que a iniciativa no primeiro momento foi apenas para o 5º ano C, mas posteriormente outras turmas poderiam participar. Filmamos a atividade e estamos democratizando o conhecimento mostrando essa experiência para outros professores e principalmente para aqueles que achavam que não é possível trabalhar o funk na escola.

Contribuições do legado de Paulo Freire para o currículo da Educação Física

A literatura da área da educacional indica uma possível contribuição do legado Freiriano para o currículo da EF (AGUIAR, 2014; FRANÇOSO; NEIRA, 2014; SOUSA; MAFRA, 2016).

Em dissertação de mestrado que discorreu sobre o tema: “As meninas de costas: Análise do currículo de Educação Física e a construção da identidade feminina”, Aguiar (2014) utilizou das técnicas do Círculo de Cultura para compreender o motivo que separava meninos e meninas das aulas ministradas por professores de EF que atuavam no município de Jandira. Para a autora, um dos motivos que distanciava a prática pedagógica de princípios dialógicos e renovadores, como nos indica o legado de Paulo Freire, é que as aulas observadas eram caracterizadas por um modelo metodológico considerado espontaneista, ou seja, quando as meninas ficam no canto da quadra pulando corda e os meninos se organizam para jogar futebol.

Françoso e Neira (2014, P. 540) utilizaram importantes categorias do legado freiriano para a construção de uma prática político-pedagógica engajada nos pressupostos críticos, entre as quais, educação problematizadora, diálogo, conscientização, invasão cultural, rigorosidade metódica e cultura popular. De acordo com os autores “o currículo de Educação Física inspirado nas ideias de Paulo Freire reconhece a cultura popular como um terreno fértil para extração dos temas a serem estudados”.

Com a mesma intencionalidade, Sousa e Mafra (2016) utilizaram a categoria do Círculo de Cultura juntamente com o currículo cultural da EF e tematizaram jogos e brincadeiras. O trato das atividades partiu do conhecimento que os alunos já tinham de determinados jogos e brincadeiras, assim como a criação de atividades novas. A prática pedagógica utilizada pelos autores se amparou nos conceitos freirianos de diálogo, valorização das “vozes”, reconhecimento do saber do educando e leitura de mundo. A conclusão deste trabalho nos indicou que o caminho possível para a EF é considerar os saberes dos educandos, além de tematizar as atividades consideradas estereotipadas pelo currículo escolar.

Neste sentido, entendemos que o professor de EF que queira elaborar sua prática pedagógica almejando contribuir com a formação emancipadora e crítica dos educandos, terá que se amparar pelo projeto pedagógico da escola, considerar a realidade em que o estudante está inserido e promover o diálogo constante na efetivação das práticas corporais. Na nossa compreensão, só assim o professor vai se aproximar de princípios importantes do campo da prática de ensino para efetivar a justiça curricular nas

aulas de EF, conforme salienta Neira (2011, p. 69) [...] “Um currículo elaborado de forma justa mantém – se atento ao modo como se privilegiam certos conhecimentos em detrimento de outros, certos discursos em detrimento de outros, certas identidades em detrimento de outras, certas vozes em detrimento de outras”.

O Círculo de Cultura é uma ideia do Educador Paulo Freire que foi desenvolvida na cidade de Angicos, no estado do Rio Grande do Norte, em 1962. Esse foi um marco considerado importante naquela época, pois, 300 pessoas foram alfabetizadas em menos de 40 horas. Os Círculos de Cultura identificam os temas de interesse da comunidade, podendo então decidir quais os melhores meios para organizar o novo conhecimento, produzindo daí leituras próprias dos educandos (COSTA, 2016, p. 53).

O interesse em desenvolver Círculos de Cultura nas aulas de EF surgiu ao me deparar com a disciplina de Seminários da Educação ministrada no programa de mestrado em Gestão e Práticas Educacionais da Uninove-SP. Na minha prática pedagógica eu já desenvolvia “rodas de conversa”, momento em que os professores sentam com os alunos em sala de aula ou na quadra para problematizar as brincadeiras, jogos, ginásticas, danças e esportes.

Decidimos utilizar o Círculo de Cultura quando tivemos a experiência de falar para os alunos com todos sentados de maneira que pudessem olhar nos olhos do colega e ninguém poderia ficar nem atrás nem na frente do outro.

Parece que ali se produzia respeito entre os pares, alegria, diálogo e motivação para identificar qual seriam as atividades que eles vivenciaram naquele dia. Vale ressaltar que nas rodas de conversa eu não me importava se os alunos sentassem na frente ou atrás dos colegas, o que pode ser corriqueiro em aulas de EF, podendo descaracterizar o sentido educacional, diferente do inédito viável que proporciona o Círculo de Cultura.

Pois bem, ao conhecer os procedimentos do Círculo de Cultura, idealizamos utilizá-lo como uma metodologia do ensino da Educação Física, visando apresentar um processo didático pautado na compreensão e entendimento dos educandos. Acreditamos que os professores que utilizarem desse método em suas aulas terão a oportunidade de dialogar com as crianças e ouvir quais brincadeiras, jogos, lutas e todas as atividades que fazem parte da cultura corporal que elas gostariam de vivenciar, sendo representada por uma criança protagonista, escolhida aleatoriamente em cada aula para criar, ressignificar ou até mesmo adaptar as atividades e em seguida deverão apresentar para os demais colegas

com o intuito de dar “voz” ao aluno e desta forma contextualizar o processo de ensino e aprendizagem.

Considerando de forma eficaz um ensino que seja voltado para a aprendizagem significativa, emancipadora e crítica no que concerne a liberdade de aprender e ensinar uns aos outros, assim como a disseminação das práticas corporais. Para Freire (2006, p. 106) “Quanto mais crítico um grupo humano, tanto mais democrático e permeável, em regra. Tanto mais democrático quanto mais ligado às condições de sua circunstância”.

A participação do professor nesta metodologia é de mediar o processo de ensino e aprendizagem, problematizar os temas da cultura corporal, além de compartilhar suas práticas que estarão organizadas no planejamento de aula.

Desta maneira, o professor de EF reorganiza sua prática pedagógica e possui um referencial orientador nas aulas que de uma maneira geral concebe a educação, incluindo todos os estudantes, independente da etnia, condição de deficiência, gênero ou qualquer forma de preconceito que permeie o bom funcionamento da instituição escolar.

Neste caso, a visão estereotipada será substituída pela visão de conectividade, que atribui ao educador aspectos humanistas e dialógicos na prática pedagógica. De acordo com Mafra (2016), na perspectiva antropológica de Freire, a conectividade é uma espécie de categoria – mestra. Nesta ótica, ousamos em contextualizar e descrever esse projeto que trata sobre o tema funk na escola, para que assim possamos contribuir para a libertação dos oprimidos, que em muitos casos não podem conhecer, vivenciar e estudar sobre os temas de seus interesses por conta de modelos de uma sociedade conservadora e neoliberal.

Considerações circulares

Ao término deste projeto que podemos chamar de audacioso, corajoso e desafiador, faltaria adjetivos para expressar a sensação que estamos sentindo após a concretização desta experiência, que foi vivenciada em um ambiente fraterno em que grande parte das famílias e da comunidade escolar puderam ver o brilho nos olhos das crianças ao estudarem, conhecerem e praticarem danças coreografadas pelos próprios estudantes. Seria dizer que vivemos em alguns meses um “inérito viável” como diria felizmente Paulo Freire.

A fala das crianças ao término do trabalho possibilitou refletirmos sobre a importância de realizarmos

diálogo com os alunos sobre o trabalho pedagógico e principalmente enfatizar o processo avaliativo vivenciado nas aulas de EF através do Círculo de Cultura.

Samara: Eu pensava que funk não se estudava e nem pesquisava.

Vinicius: Sou da igreja e nunca imaginei que o funk surgiu nela.

Natasha: Achei boa a participação de meninos e meninas no funk.

Vitor: Gostei de estudar o funk e ensinar o que eu sabia.

Dentre os principais resultados, as crianças fizeram bom uso da ferramenta de internet realizando pesquisa sobre o funk, compreenderam que meninos e meninas podem vivenciar juntos os gestos dessa prática corporal, os alunos evangélicos entenderam que na escola é possível participar de todas as danças e que isso não atrapalha as suas crenças.

Nesse sentido, acreditamos na possibilidade de desenvolver qualquer tema na área da EF, utilizando uma metodologia que contemple o universo em que as crianças vivem e a sua realidade social. O professor que estiver aberto ao diálogo e principalmente aqueles e aquelas que realizam Círculo de Cultura, terão a oportunidade de experimentar no campo da prática pedagógica um método emancipador que enfatiza o aprendizado em conjunto, um ensino em que professor e aluno aprendem por meio das cantigas, dos jogos, das brincadeiras populares, dos esportes e por que não do Funk?

Após a vivência neste projeto podemos dizer que outros “parentes intelectuais” que se identificarem com a nossa proposta metodológica do Círculo de Cultura, poderão criar novas praticas pedagógicas através desse ritmo musical e proporcionar a outras comunidades a alegria e o conhecimento de participar de aulas de EF denominadas revolucionárias, efetivando desta forma a descolonização das mentes.

Referências

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmasio. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

AGUIAR, A. A. D. **As meninas de costas**: Análise do currículo de Educação Física e a construção da identidade feminina. Dissertação (Mestrado), Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário**: e outros temas contemporâneos. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

- BETTI, M. et al. Os saberes da Educação Física na perspectiva de alunos do Ensino Fundamental: o que aprendem e o que gostariam de aprender. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**, v. 1, n. 1, p. 155-165, 2015.
- BOCCHINI, D.; MALDONADO, D. T. Estudos culturais em ação, tematizando o Funk na escola pública. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 5, n. 1, p. 33-44, 2014.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. La Reproduction. **Les Editions de Minuit**, França, 1975.
- COSTA, Bruno Botelho. Paulo Freire e os Círculos de Cultura: uma pedagogia da humanização. In __ SPIGOLON, Nilma Imaculada; CAMPOS, Camila Brasil Gonçalves **Círculos de cultura: teorias, práticas e práxis**. Curitiba: CRV, 2016.
- FRANÇOSO, S.; NEIRA, M. G. Contribuições do legado freireano para o currículo da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 531-546, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2006.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- MAFRA, Jason Ferreira. Paulo Freire, **um menino conectivo**: conhecimento, valores e práxis do educador. São Paulo: BT Acadêmica; Brasília, DF: Líber Livro, 2016.
- NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mario Luis Ferrari. **Pedagogia da cultura corporal**: crítica e alternativas. São Paulo: Phorte, 2006.
- NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física**: a reflexão e a prática do ensino. São Paulo: Blucher, 2011.
- NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física cultural**. São Paulo: Blucher, 2016.
- PEREIRA, A. B. **Funk ostentação em São Paulo**: Imaginação, consumo e novas tecnologias da informação e da comunicação. *Revista de estudos culturais*: São Paulo, 2013.
- SOUSA, C. A.; MAFRA, J. F. Formação de professores e o currículo cultural da educação física: uma etnografia sobre a prática pedagógica. **Dialogia**, São Paulo, n. 24, p. 179-192, jul./dez. 2016.
- ROMÃO, José Eustáquio; GADOTTI, Moacir. **Paulo freire e Amílcar Cabral: a descolonização das mentes**. São Paulo: Editora e livreria instituto Paulo Freire, 2012.